

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

*Boris Tabacof (depoimento, 2007)*. Rio de Janeiro CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL, 2010. 35 p.

**BORIS TABACOF**  
**(depoimento, 2007)**

Rio de Janeiro

2010

## Transcrição

**Nome do entrevistado:** Boris Tabacof

**Local da entrevista:** São Paulo, SP

**Data da entrevista:** 15 de outubro de 2007

**Nome do projeto:** Trajetória e Pensamento das Elites Empresariais de São Paulo

**Entrevistadores:** Paulo Fontes e Paulo Gala

**Câmera:** Edgar da Cunha

**Transcrição:** Katarina Wolter

**Data da transcrição:** 21 de outubro de 2007

**Conferência de fidelidade:** Juliana Marques da Silva

\*\* O texto abaixo reproduz na íntegra a entrevista concedida por Boris Tabacof em 15/10/2007. As partes destacadas em vermelho correspondem aos trechos excluídos da edição disponibilizada no portal CPDOC. A consulta à gravação integral da entrevista pode ser feita na sala de consulta do CPDOC.

Paulo Fontes – Bom dia.

Boris Tabacof – Bom dia.

P. F. – O senhor podia falar o nome completo, onde o senhor nasceu, quando?

B. T. – Meu nome é Boris Tabacof. Eu nasci em Salvador em 1929.

P. F. - A data exata?

B. T. – 28 de julho de 1929. Sou filho e neto de imigrantes judeus que vieram da Europa oriental.

Paulo Gala – De onde, especificamente?

B. T. – Daquela região que fica entre a Rússia, a Romênia e a Ucrânia. É uma região onde viveram milhões de judeus e que depois essa população imensa foi praticamente

## Transcrição

destruída pelos nazistas, no holocausto. Mas a motivação das imigrações que vieram em grande escala dessa região da Europa, da Europa oriental, basicamente... Elas vieram desde o fim do século XIX, as primeiras décadas do século XX. Eram pessoas, famílias que, além de sofrerem em grande parte discriminação racial e perseguições desde então, viviam praticamente em pequenas cidades, ou nos subúrbios das cidades maiores e não tinham acesso a maiores possibilidades de vida, até mesmo de preparação educacional. Foram massas de milhões de imigrantes. Eles basicamente, dessa região, foram para os Estados Unidos, principalmente. Boa parte da população...

P. G. – Isso é que eu ia perguntar: por que o Brasil?

B. T. – Essa é uma pergunta que nós nos fazemos também. O irmão do meu avô, por exemplo, imigrou para os Estados Unidos. Já meu avô veio depois. Ele tinha um parente na Bahia. Não era nem na capital, era no recôncavo, um lugar chamado Nazaré das Farinhas. Como ele foi parar lá é uma pergunta que não tem uma resposta precisa. O que havia era a busca de oportunidade de trabalho, porque praticamente eles chegavam sem nenhum recurso e com instrução de baixo nível, embora os judeus sempre dessem uma importância extraordinária à educação. Não tem judeu analfabeto. No mínimo ele tem que aprender a ler nos livros as rezas e todas as tradições. Mas, de qualquer forma, eles não tinham oportunidades nem educacionais, nem profissionais - por causa disso também - e viviam em condições muito precárias de vida. Era a América que era a grande bandeira, a grande atração. Por que os meus antepassados vieram para o Brasil, eu imagino que, como havia uma certa atração, um mínimo de desejo de ir para lugares onde tinha algum parente, ou algum amigo, então, tinha um tio do meu pai que morava no interior da Bahia, nesse lugar que eu falei. Primeiro veio o meu avô, em 1912. Ele veio para o Rio de Janeiro junto com o cunhado dele, mas em plena epidemia de febre amarela. O cunhado dele morreu de febre amarela e ele, apavorado, voltou para a Rússia em 1912. Depois ele ficou entre a febre amarela e o Czar e depois os bolchevistas. Ele achou melhor voltar para o Brasil. Ele já veio para a Bahia, junto com meu pai, que era adolescente. Isso foi em 1922. Nossa família, então, se estabeleceu na Bahia. Várias

## Transcrição

gerações se radicaram lá e parte da família ainda vive lá e se dedica mais a profissões liberais, os meus parentes que estão lá. O meu irmão, por exemplo, foi reitor da Universidade Federal da Bahia. Meu tio médico foi professor da Faculdade de Medicina. Meu pai teve que ter uma atividade comercial. Sem grande sucesso, mas deu para sustentar a família.

P. G. - Quantos irmãos o senhor tem?

B. T. – Irmãos? Nós somos cinco. Eu sou o mais velho.

P. F. – O pai do senhor logo mudou para Salvador?

B. T. – É, ele ficou muito pouco lá em Nazaré. Depois veio para Salvador. Já havia uma pequena comunidade de cento e poucas famílias e como os judeus têm uma tradição gregária muito forte, até defensiva, como eles viviam um processo de isolamento, eles se organizavam. A comunidade pequena tinha uma escola, tinha uma sinagoga, tinha um cemitério, tinha um clube e tinha uma atividade cultural relativa muito intensa, que veio daquela tradição européia daquela região, onde a politização foi muito intensa naqueles tempos. Foi daí, inclusive, que surgiram todos os movimentos socialistas de toda ordem. Era uma fermentação tremenda naquela região da Europa oriental. E com um processo de diminuição da influência religiosa propriamente dita. Eles não tinham uma... Já veio com todo o respeito à religião, aquelas coisas principais, mas muito voltado a uma visão laica e dando uma enorme importância à educação, ao estudo.

P. F. – Mas, na Bahia eles encontraram perseguição também?

B. T. – Não, absolutamente não. Absolutamente não. Isso ficou para trás. A América era o sonho de milhões de imigrantes. E não eram só judeus. Gente de toda ordem chega lá nos Estados Unidos até hoje, em Nova Iorque. Foi uma imigração, que no caso dos

## Transcrição

judeus, além da pobreza, ainda havia o problema da perseguição, da discriminação. Mas veio gente de toda ordem, de todo lado, da Itália...

P. F. – Da Irlanda.

B. T. – Da Irlanda. Foi essa onda que bateu aqui nas nossas praias da América e, no caso da minha família, foi parar na Bahia. E lá então a nossa família se estabeleceu e foi ganhando a vida.

P. F. – O avô do senhor iniciou que negócio por lá?

B. T. – Ele tinha um pequeno comércio de prestação. Vendiam à prestação e já o meu pai tinha uma loja, abriu uma loja.

P. F. - Venda de...?

B. T. – De móveis. Uma loja de móveis. Não era nada de muito moderno. Era num bairro já mais popular e foi a partir daí que...

P. F. - Onde é que eles moravam em Salvador?

B. T. – Num bairro chamado Calçada. Fica próximo da estação de trem. Naquele tempo ainda tinha trem. Os trens ainda eram um meio de transporte importante, não só para fora, para o Nordeste, para Sergipe e tal, como para o interior da Bahia e para os subúrbios. Então, no meu caso...

P. F. - Foi ali que o senhor nasceu?

B. T. – Eu nasci na maternidade. [risos]

## Transcrição

P. F. – Não, mas nessa região que o senhor...?

B. T. - Não, não, não. Eu nasci, minha família morava no centro da cidade, na parte velha da Bahia, aquela região de Salvador, que foi... Houve várias tentativas de renovação. Não foi propriamente na região que depois virou quase folclórica, do Pelourinho e adjacências, porque ali já havia uma tremenda decadência, pobreza, prostituição e tudo mais. Foi mais no centro propriamente dito, Rua da Misericórdia, eram ruas que tinham lojas embaixo e os andares eram divididos em apartamentos. Foi esse o ponto de partida para a escola, o caminho da universidade, o sonho. Todo sacrifício era pouco para fazer do filho...

P. G. – Estudar.

B. T. – Estudar.

P. F. – Mas antes disso, a mãe do senhor o seu pai conheceu ali na comunidade em Salvador?

T. B. – Também. Veio também da mesma região. Havia uma espécie de afinidade, não é? As pessoas vinham... Não vieram do mesmo lugar, se conheceram já em Salvador.

P. G. - A situação era muito parecida, não é?

T. B. – A situação era muito parecida e...

P. F. - Se conheceram nessa rede que o senhor estava falando de sinagoga, clube, comunidade.

T. B. – Exatamente. E havia uma comunidade trazendo uma tradição e uma experiência de vida que não existia aqui, mas que eles viveram lá durante séculos, durante gerações,

## Transcrição

de discriminação, de falta de oportunidade. E esse estado de espírito prevaleceu pelo menos na primeira geração de imigrantes. Foi se diluindo ao longo do tempo, com uma integração cada vez maior com a comunidade local. A comunidade de que falo são os baianos de Salvador.

P. F. – Com os soteropolitanos.

T. B. – Soteropolitanos. No meu caso...

P. F. - Só um instante. Esse menor grau de perseguição, essa inexistência de perseguição em Salvador, eu imagino que era muito valorizada por essas pessoas que vinham de uma situação oposta.

T. B. – Muito, muito valorizada.

P. F. - Imagino que isso ajudava a um certo reconhecimento do país como um lugar...

T. B. – Certamente. A verdade é que o Brasil não conheceu, a não ser em pequenos bolsões muito reduzidos, principalmente com a influência do nazismo, do fascismo na década de 30, 40, na guerra, em que havia pequenos focos que eram racistas, baseados nas ideologias totalitárias européias. Mas o Brasil realmente desse ponto de vista foi o paraíso, integração total, nenhum sinal de discriminação, mesmo em Salvador, que é uma cidade peculiar, porque é uma população basicamente mestiça. Quem tinha a pele um pouco mais clara era branco e tinha preconceito contra os pretos. Mas esse fenômeno da Bahia, de Salvador das elites baianas daquele tempo, é uma coisa pouco estudada pelos historiadores e sociólogos, mas explica muita coisa da Bahia e do Nordeste, que até hoje aqui para vocês – embora eu esteja em São Paulo há 37 anos – do Rio e de São Paulo não merecemos nenhum estudo mais sério até hoje. Tem toda uma tradição conservadora e elitista. Eu ainda vivi, conheci quase que os restos da escravidão muito forte na Bahia. Em que todo trabalho manual e todo trabalho mais pesado era feito por uma população,

## Transcrição

em relação à qual a sociedade – a sociedade que eu digo são justamente essas elites - não se sentia absolutamente responsável.

P. F. – Isso que o senhor está falando é bem interessante, porque se a gente pega o exemplo dos Estados Unidos, os judeus foram muito importantes na aliança com os movimentos negros, direitos civis. Sempre tiveram uma solidariedade. Provavelmente por também se sentirem...

T. B. – Uma certa afinidade.

P. F. – Isso, a gente pode dizer que alguma coisa similar pode ter acontecido na Bahia? Havia pelo menos uma simpatia?

T. B. – Não, não. Do ponto de vista racial, do ponto de vista de afinidades étnicas, não. O que houve – e aí é outro capítulo; isso não foi só na Bahia. A minha infância, os primeiros anos da minha juventude, da adolescência foram marcados pela Guerra. Vocês jovens não têm idéia do que foi. Embora o Brasil estivesse tão distante do cenário da guerra, como se dizia, houve uma série de razões em que o Brasil demorou a se alinhar do lado democrático e toda a história não vem ao caso aqui, mas que fez com que os judeus, embora aqui em pequenas comunidades – eu não me refiro só aos da Bahia -, sentissem pesadamente a ameaça nazista, embora as notícias dos primeiros tempos não dessem conta do grau de destruição sistemática que atingiu a milhões de pessoas. Naquela época ninguém tinha essa informação. Chegavam notícias aos pedaços. Depois foi que se viu a extensão terrível, talvez única na história, em que se promoveu uma destruição sistemática e científica de todo um povo. Mas, embora não se tivesse uma visão dessa extensão, dessa profundidade... Aí sim que houve uma junção com outras pessoas de outras formações e, principalmente, do pessoal que vivia e tinha gerações e gerações na Bahia. Aí sim foi um processo de politização muito forte. Esse é um aspecto que teve uma enorme influência nos primeiros anos já da minha, vamos dizer... A guerra durou de 1939 a 1945. A partir de 1942, 1943 houve uma mobilização cada vez maior. Aí



## Transcrição

é que veio o fenômeno da propagação das idéias e projetos do Partido Comunista. Vocês devem ter sentido e visto que até hoje há um clima, digamos, visto de fora ou de longe que se considera uma influência de esquerda. Mas não é nem de longe o que realmente aconteceu. Em relação aos democratas, aos anti-fascistas de todos os grupos sociais e políticos, no caso dos judeus isso era multiplicado, pelo problema da ameaça física que o nazismo representava. Houve, então, uma adesão de proporções enormes. Não necessariamente uma filiação ao Partido Comunista, embora muitos se filiassem, como também isso permeou toda a vida da sociedade.

P. G. – Sua iniciação de política na época foi nesse caldeirão.

B. T. – É, e na Europa isso alcançou proporções. Na França e na Itália os partidos comunistas eram majoritários. Não constituíram maioria parlamentar, mas chegaram a ter uma força enorme. E uma propaganda soviética imensa. Os soviéticos criaram a noção de que eles derrotaram a Alemanha nazista. Uma guerra de propaganda que houve e naqueles primeiros anos eles ganharam, porque... Para ter uma idéia do que foi a guerra, o que virou o jogo mesmo foi realmente a presença dos americanos. Mas, sem dúvida, a chamada frente oriental, que foi quando Hitler atacou a União Soviética, aí foi que realmente ele começou a declinar e a perder gradativamente. Mas a União Soviética ganhou a guerra psicológica e política. Aí não era só...

P. F. – O fato de ela ter chegado primeiro em Berlim ajudou muito.

B. T. – Claro, claro. Mas não era só uma questão militar, ou político-partidária só. Era toda uma visão de vida, de justiça, de igualdade, de sonhar com um novo homem. A propaganda era intensíssima. Depois isso tudo se esboroou ao longo dos anos.

P. G. - Mas isso tudo chegou lá em Salvador?

B. T. – Tudo isso chegou lá.

## Transcrição

P. F. - E como é que chegou especificamente ao senhor?

B. T. – Pelo ambiente familiar e pelo ambiente social. Eu me dediquei nesses anos, muito jovem, adolescente. Ninguém ficava imune. O movimento estudantil primeiro no velho Ginásio da Bahia, que era um ginásio público, da melhor qualidade em Salvador, onde os alunos tinham melhor preparação e faziam exame de admissão que era altamente seletivo e, depois, na universidade.

P. F. – O contato com o Partido Comunista já se deu no ginásio, no caso do senhor?

B. T. – Ah, sim. Muito cedo.

P. F. – Mas o senhor foi recrutado por alguém? Como é que isso exatamente aconteceu?

B. T. – Olha, a gente procurava. Não precisava recrutar. Era um imã, uma atração. Mas era uma idéia – eu não quero fazer analogias, nem críticas ao processo histórico, inclusive do que vivemos hoje -, mas era uma onda. E não foi só na Bahia, é claro, nem só no Brasil. No mundo todo, principalmente na Europa, para não falar nos países que depois passaram para a cortina de ferro. Mas era uma visão de que todo o processo – e aí foi mais longe no caso dos judeus – de anti-semitismo, perseguições, miséria e pobreza eram causados pelo capitalismo. Isso no ambiente da Bahia... Os intelectuais da Bahia sempre se destacaram muito ideologicamente, escritores. Jorge Amado mesmo era núcleo de um grupo de escritores, de artistas e pensadores francamente voltados para essa idéia da justiça, da igualdade, de acabar a exploração do homem pelo homem, aquela coisa toda, que durou anos seguidos. O que aconteceu é que na – não sei se eu estou saindo do tema...

P. G. - Não, está ótimo.

Transcrição

P. F. - Está completamente dentro.

B. T. – Então, muitos outros da minha geração, muitos nos dedicamos a isso. Era um espírito de idealismo... Agora devo dizer que aí já começou – nem todos –, curiosamente já então começou uma certa polarização. Aí eu vou relatar um episódio curioso, que um dos colegas de ginásio mais próximos meu e amigo era o Antonio Carlos Magalhães, que faleceu recentemente. Já então já estava polarizado. Dizer que todo mundo era de esquerda, estava no mesmo barco, não é verdade. A própria Igreja, que depois mudou, na época era anti-comunista até a raiz dos cabelos. Havia curiosamente figuras que se tornaram depois muito conhecidas. O Antonio Carlos Magalhães desde o começo foi de direita, embora ele jamais aceitasse isso. Ele era muito certo. Mas havia histórias, como por exemplo - não sei se vocês conheceram -, a do Milton Santos.

P. F. – Geólogo.

B. T. – Morreu já há algum tempo. Era do meu tempo. Era um pouco mais velho do que eu. Ele era da direita e depois migrou para a esquerda. Aconteceram fenômenos muito curiosos, tudo isso no tempo do movimento estudantil. Brigas homéricas dentro dos diretórios acadêmicos e tal. Havia um lado católico, que era conservador. Era um pólo de atração grande.

P. F. - Mas na comunidade judaica baiana especificamente os jovens aderiram em massa ao comunismo, o senhor diria?

B. T. – Não, não, não foi...

P. F. – Porque eu lembro também do Jacob Gorender, que é baiano e também é judeu.

## Transcrição

B. T. – Foi a nível nacional. Olha, vários líderes. O Jacob, exatamente, o Jacob Goreneder, familiares deles e outros líderes comunistas também se tornaram famosos depois. Mário Alves...

P. F. – Marighella.

B. T. – Marighella, Giocondo Dias. Era um celeiro lá. Mas o que aconteceu é que na medida em que os anos passaram, depois se criou a questão da guerra fria, poucos anos depois. Mas houve um momento em que a maré começou a virar. Para as pessoas em geral, os intelectuais em geral e para os judeus em particular, foi a morte de Stálin. Quando Stálin morreu, se não me falha a memória, em 1953, se não me engano dois, ou três anos depois, em 1956 houve o célebre congresso, que eu esqueci o número...

P. F. – Eu acho que foi o vigésimo.

B. T. – Você está por dentro. Por aí. O Kruschov, naqueles discursos da época... Até hoje acontece isso na China, em outros lugares, até em Cuba, onde os dirigentes fazem discursos de seis horas, oito horas, para poder contar a história ideológica toda, explicar tudo, desde o começo, do planeta Sol até chegar na vila onde o cidadão mora, tudo do ponto de vista do marxismo. Mas as revelações que o Kruschov fez foram de um impacto terrível. Aquilo que era tido como propaganda capitalista, contra a União Soviética, em grande parte o Kruschov reconheceu que tinha sido verdadeiro. Agora, a literatura, os livros que têm aí, uns mal-feitos, mas outros sérios, com muita pesquisa histórica sobre a era de Stálin, sobre como houve uma degenerescência totalitária e todos aqueles ideais caíram por terra e aquilo que, sem fazer alusões a qualquer época política, ou políticos posteriores, aquela história que Trotski diz... Que foi, aliás, ex-comungado violentamente por Stálin. Ser trotskista era pior do que xingar a mãe. Depois, políticos do PT importantes aí começaram a ter a memória de que eles foram trotskistas. Mas comunistas propriamente ditos era uma coisa terrível. Trotski, por exemplo, dizia que os interesses do partido se confundem com os interesses da humanidade. É aí, nessa frase

## Transcrição

aparentemente simples, que é o começo desse processo degringolado, porque o que aconteceu é que os dirigentes, além de que havia uma luta mortal entre os dirigentes, no caso dos partidos que estavam no poder na União Soviética e nos outros, intrigas, traições, fuzilamentos e julgamentos absurdos... Todo esse processo que depois foi reconhecido, que o que era espalhado pelo mundo como propaganda anti-soviética, foi reconhecido historicamente que tinha havido. Então, esse processo de corrupção e de totalitarismo, porque todas as ações políticas, sociais, todos os aspectos da vida eram subordinados a se aquilo era ou não a favor do movimento proletário, da revolução, encarnada no Partido Comunista. E, por sua vez, o Partido Comunista era encarnado pelos dirigentes. Essa linha divisória, ideológica que levou a todo esse processo de decomposição, que fez com que simbolicamente o muro de Berlim caísse sem disparar um tiro. A gente imaginava na época que haveria mais cedo, ou mais tarde, uma guerra apocalíptica, nuclear...

P. G. – Ruiu por dentro.

B. T. – Ruiu, porque eu depois visitei a Alemanha, Berlim há uns anos atrás e o guia me mostrou onde tinha o antigo muro de Berlim e uma enorme torre de televisão do lado de Berlim ocidental, que transmitia programas como nós conhecemos aí: automóveis, geladeiras, mulheres bem vestidas, homens e tudo o mais. Aí ele me disse: “Esta torre derrubou o muro de Berlim.” Porque o fascínio que a vida ocidental exerceu sobre os que viviam do outro lado do muro foi fantástico. Bem, mas acho que essa parte...

P. G. – Mas a sua trajetória dentro desse processo, lá na faculdade, como é que...?

P. F. – Você chegou a militar no partido, não é?

B. T. – Eu cheguei a ser dirigente do partido, fui preso, passei por todas as peripécias que fazem parte dessa história.

## Transcrição

P. F. – E o senhor sai em 1956. É isso?

B. T. – É. Eu em afastei, tive uma série de divergências, por aquelas coisas totalitárias. Porque no próprio movimento de esquerda do Partido Comunista começou a haver cisões e um processo de radicalização cada vez mais duro. A história está hoje já bastante conhecida, em que dirigentes comunistas adotaram a linha que tinha sido vitoriosa em Cuba. O exemplo daqui do Brasil dos revolucionários não era o núcleo antigo do Partido Comunista, o chamado Partidão, porque esse começou a se acomodar, de acordo com o que dizia o Mario Alves. Aí, já no período militar, houve uma radicalização e simbolismos do tipo do Guevara, esse assunto que veio à tona com a comemoração. Todos esses dirigentes, muitos que continuaram, que passaram para outros partidos, para o PT e outros, que disseram que eles pegaram em armas pela democracia, para derrubar o regime militar, isso não é verdadeiro historicamente. Os elementos só se voltaram contra o regime militar pela democracia naquele processo final, quando a ditadura militar já entrou em declínio e tinha todos os sinais que ela viria a ser extinta. O que houve – eu não estou defendendo nem de longe as violências que houve, os abusos, tortura, tudo isso são coisas repugnantes. Ninguém pode defender nem achar para isso nenhuma justificativa, mas a verdade é que as Forças Armadas alegam até hoje que só se conta a metade... Agora, ainda há pouco tempo teve essa discussão aí...

P. G. – Saiu o livro, não é?

B. T. – A verdade é que o Araguaia, ou coisas desse tipo, foi guerra civil. É claro que o que aconteceu de tortura, nada disso se justifica. Mas realmente foi todo um processo que...

P. G. – De acirramento...

B. T. – De acirramento. Mas nessa altura eu já não estava mais no Partido Comunista. Tinha tido divergências, fui da Câmara, prisão e uma série de outras complicações...

## Transcrição

P. F. – Você sai exatamente quando?

P. G. - Em termos de idade. Com quantos anos o senhor entrou?

B. T. – Minha idade? Eu entrei para o Partido Comunista, quando eu tinha 17 anos de idade.

P. F. – Naquela conjuntura do final da guerra.

B. T. – Exatamente. Eu tinha 16 anos. 1944, 1945.

P. G. – Estava entrando na universidade, logo na seqüência.

P. F. - Então, o senhor pega todo o período da legalidade também, onde o partido fica muito popular.

T. B. – Peguei aquele curto período. Exatamente. Elegeu deputados...

P. F. – Prestes era uma figura...

T. B. – Era uma figura adorada. Todo um momento... É difícil de contar isso. Eu acho que o que falta no Brasil é uma literatura de alta qualidade, porque para contar o que aconteceu naquela época, via ficção, entre outras...

P. G. – Para colocar um pouco de emoção, não é?

T. B. – Para colocar emoção, porque a leitura pura e fria dos fatos... Inclusive porque tem várias opiniões, tem várias versões. Não é só da parte da perseguição, da tortura, da morte, mas de todos os aspectos da sociedade. Eu me atrevo a dizer, embora eu seja

## Transcrição

politicamente *muito* incorreto – aí eu vou entrar nessa outra parte da minha vida -, que os militares que eu conheci, os coronéis, majores, capitães eram genuinamente patriotas. Eles estavam convencidos e realizaram até certo ponto uma série de tarefas históricas, dentro da própria concepção dialética – se você usar essa ferramenta – de que de fato o...

[ruído]

P. F. – Só um instantinho.

B. T. – Eu acho que eu estou passando da... Está no seu ponteiro?

P. F. – Não, está no ponteiro. A gente está bem interessado nessa parte também, porque de uma certa forma, dr. Boris, é, digamos, um percurso atípico do empresariado nacional. A gente está entrevistando vários outros que têm um percurso mais, digamos, familiar...

B. T. - Com certeza. Esses nomes que você falou são meus amigos.

P. F. – Então, tem outro, um percurso muito diferente. Então, para nós é interessante pegar o caso do senhor como um contra-exemplo, digamos assim, de um percurso diferente.

B. T. – É verdade. É que tem várias formas...

P. F. - Então, por isso também a nossa insistência também nesse período, nessa etapa da entrevista...

B. T. – Fica à vontade, pergunta aí. Eu não quero passar do...

P. F. - Porque de fato é muito interessante para o projeto a gente pegar essa trajetória diferenciada que o senhor teve.



## Transcrição

B. T. – Eu depois vou dar para vocês um livro que eu escrevi, uma biografia minha parcial.

P. F. – Muito agradecido.

P. G. – É o *Achados e Perdidos*?

B. T. - É. *Perdidos e Achados*. Tem uma certa diferença.

P. G. – A sutileza do título é *Perdidos e Achados*.

P. F. – Então, voltando um pouco nessa trajetória do senhor na esquerda, no Partido Comunista,<sup>1</sup> o senhor estava falando que o senhor entrou para o partido com 17, 16 anos nessa conjuntura. Exatamente como foi a ascensão do senhor no partido? Você fazia trabalho de base com operário?

B. T. – Eu, aos 19 anos... 19? Em 1950, por aí, em 1951 eu fui secretário de organização do comitê estadual da Bahia do Partido Comunista, que era o segundo posto da hierarquia comunista. Muito jovem. Você vê o grau de fervor que eu dedicava a isso. Realmente naquelas mudanças... Aí realmente foi quando houve a ilegalidade do partido, a perseguição se agravou e houve uma troca de dirigentes. O Giocondo Dias, que era o chefe do Partido Comunista, secretário... O Partido Comunista não tinha presidente, era secretário, secretário político. Depois tinha o secretário de organização, secretário sindical, secretário de agitação de propaganda. Eram os dirigentes. Tinha dirigentes nacionais, estaduais, distritais, tinha as células e tal. Então, eu fui alçado a essa posição e já...

---

<sup>1</sup> Esse trecho do depoimento não foi registrado em vídeo. O áudio completo da entrevista se encontra disponibilizado no CPDOC.

Transcrição

P. F. – E ela significava exatamente o que no cotidiano do senhor?

B. T. – Era organizar o Partido Comunista.

P. F. – Viajar?

P. G. – Reuniões...

B. T. – Viajar, interior. Imagine que achar operário, o proletariado em Salvador não era fácil.

P. F. – Não era tão fácil. [risos]

B. T. - O proletariado de Salvador eram têxteis e empregados da companhia dos bondes, da eletricidade, que eram multinacionais canadenses, se não me falha a memória. Depois tinha ferroviários e depois uma massa quase que artesanal de... E havia também a região açucareira. Depois houve uma decadência tão acelerada ali no recôncavo baiano. Desde o tempo da colônia, no século XVI, XVII o Brasil era o grande exportador de açúcar. Nós fomos ligados à cana muito antes do etanol. A coroa portuguesa... Curiosamente, depois é que eu fui ler um pouco sobre isso e observar, havia uma quantidade muito grande, historicamente – antes de haver as usinas de maior porte de grupos de capitalistas locais ligados aos bancos locais e tal -, aquelas dezenas e centenas de engenhos eram de cristãos novos, eram de judeus convertidos, convertidos à força que depois vieram para a colônia e se espalharam por essa região. Mas lá depois se constituiu realmente o núcleo açucareiro importante, com usinas. Mas não se modernizaram, a terra se esgotou. Pudera! 500 anos de plantar ali sem maiores cuidados... Aquele massapé lá, que é uma terra riquíssima, onde se plantava cana... Mas, em suma, o movimento do Partido Comunista tinha que trabalhar muito. Além dos poucos operários que encontrava, era muito voltado para estudantes, intelectuais. Eram bastante intensas as atividades.

Transcrição

P. F. – E o senhor era a pessoa responsável de...?

B. T. – É, eu fazia umas coisas lá.

[risos]

B. T. – Não, era uma atividade política intensa propriamente dita.

P. F. - O senhor estava profissionalizado pelo partido nessa altura?

B. T. – Estava.

P. G. – A sua atividade principal era essa?

B. T. – Olha, eu vou dizer a vocês algo que é chocante no contexto em que vocês estão fazendo esse trabalho. Certos métodos e formas de dirigir eu aprendi lá. Pode ser até chocante dizer isso, mas é verdade. Certos hábitos de disciplina, de planejamento, de foco, de prioridades de modo embrionário e sem usar essa terminologia, mas já era uma prática de como você podia mover coletividades grandes com objetivos e dirigir isso com pequenos núcleos de direção. O que é isso, no final das contas?

P. F. - O leninismo.

[risos]

B. T. – É o que você aprende na escola de administração. Todo esse substrato – principalmente eu que, não sei se para o bem ou para o mal, sempre levava muito a sério, me dedicava realmente a isso -, essas técnicas, digamos assim, eram intrínsecas às estruturas humanas, às estruturas de grupos humanos. E que isso vale também para empresas. Eu não nego isso não. Depois, de forma inconsciente, não tão inconsciente, eu

## Transcrição

senti, na medida em que eu fui me dedicando a atividades de gestão tanto na área pública quanto na privada, eu sei que essa experiência teve uma importância. E, do outro lado, um enorme interesse intelectual, porque uma das tarefas do Partido Comunista, com muito pouco sucesso aqui no Brasil, era estudar. Tinha que estudar, fazer seminários, cursos, incutir as idéias marxistas e leninistas, todo um corpo doutrinário. Isso até hoje na França, boa parte da intelectualidade francesa até hoje tem um pensamento esquerdista, embora agora a eleição do Sarkozy tenha sido uma surpresa. Teve uma migração de vários desses intelectuais da esquerda, que apoiaram o Sarkozy. Inclusive, esse que foi eleito agora para ser o gerente-geral do FMI e o ministro das Finanças, que também era, ou é socialista... Mas, de qualquer forma, o fracasso intelectual brasileiro é evidente. Uma das coisas que... Fazendo essas digressões, eu não sei se fujo do assunto. Eu estou convencido de que boa parte de nosso problema brasileiro é a profunda incultura, o desprezo, inclusive, pela cultura. Não é só incultura. E eu lamento dizer isso para os meus colegas empresários, que uma das razões do desenvolvimento capitalista brasileiro ainda ter tantas deficiências e a influência política institucionalizada do empresário brasileiro – institucionalizada, não estou falando de *lobby*, de pressões localizadas –, isso é um dos fatores mais graves. Não precisa nem ir longe. Você compara, na América do Sul, com o Chile e com a Argentina. Na verdade o meu interesse e vontade de ler, saber, de conhecer, que veio dessa época também marcou muito a minha vida, até hoje.

P. F. – Dr. Boris, só uma coisa: do ponto de vista mais pessoal, a família do senhor como reagia a essa dedicação tão intensa?

B. T. – A minha família tinha medo. O principal sentimento da minha família era o medo. Medo dos riscos que eu corria e que realmente se transformaram em realidade. Mas aquela pequena comunidade judaica de cento e poucas famílias já era dividida ideologicamente: eram os sionistas e os esquerdistas. Sionistas foi o movimento que conseguiu instituir o Estado de Israel. Mas para fazer essa comemoração os comunistas não achavam que a solução da perseguição milenar dos judeus, da discriminação passava pela criação do Estado de Israel. Porque vinha na cabeça dos que estavam sob essa

## Transcrição

influência marxista, leninista, de que o racismo, a perseguição era uma das formas de exploração. A exploração capitalista...

P. G. – Era uma das facetas.

B. T. – Era uma das facetas. Quer dizer, era todo um quadro que abarcava a sociedade toda. Até a ciência, tudo era objeto de ideologia. E ao ponto – só para lembrar isso – de os estudiosos soviéticos desenvolverem o parto sem dor. Me lembro disso até hoje. Para desmentir o que estava escrito na Bíblia, porque estava escrito que parirás com dor. A condenação bíblica, depois do pecado original de Eva, então, o homem foi condenado a ganhar o pão com o suor do seu rosto e as mulheres iriam parir com dores e sofrimentos. Então, para desmentir, já que se estava desmentindo que o trabalho era uma maldição, uma punição, as mulheres seriam libertadas das dores do parto. Mas, estou fazendo um pouco de digressão aí, mas...

P. G. – Deu uma virada na sua vida.

B. T. – Deu uma virada total.

P. G. – Isso foi com que idade? Terminou a faculdade?

B. T. – Eu já estava no primeiro ano da escola politécnica.

P. F. – O senhor fez engenharia, não é?

B. T. – Fiz engenharia.

P. F. – Por que o senhor escolheu engenharia?

Transcrição

B. T. – Porque só tinha três profissões na época: direito, medicina e engenharia. O resto ou não existia ou era de segunda.

P. F. – Mas com esse pendor, digamos, para a política, o direito não apareceria como uma vocação natural?

B. T. – Não, porque na Bahia daquele tempo o direito era símbolo da elite opressora. Não tinha bacharel defensor de direitos humanos. Isso tudo é coisa recente. Quem fazia carreira no direito, ou no judiciário, ou como advogado e tal, eram pessoas do círculo dominante, das chamadas elites.

P. F. – Neste sentido, a engenharia era mais democrática?

P. G. – Ou menos elitista.

B. T. – Olha, eu não tenho muita explicação não. Não obstante todos os meus ideais igualitários e tudo mais, eu também era bastante vaidoso. E era o vestibular mais difícil. Isso é uma confissão.

[risos]

B. T. – Realmente era muito difícil. A escola politécnica da Universidade da Bahia é uma escola de primeira linha. No Nordeste tinha essa escola, que era uma referência e tinha uma escola em Recife, que já não tinha essa referência e prestígio e não tinha mais nada. E só entravam 25 por ano. Então, aquilo foi um desafio. Mas aí eu deixei e quando terminou o processo, todas aquelas encenacas, prisão, eu estava no Rio de Janeiro.

P. F. – Deslocado pelo partido, ou por decisão?

B. T. – Não, pelo Exército. Preso.

## Transcrição

P. F. – Ah, preso. Deslocado pelo partido, o outro. [risos]

B. T. – Porque tinha uma explicação... O processo...

P. G. – Em que ano foi, desculpa, isso daí?

B. T. – Isso foi em 1952, 1953. Eu fiquei preso um ano, um mês, uma semana e um dia.

P. F. – O senhor ficou preso um ano?

B. T. – Um ano, um mês e uma semana. Por quê? A minha culpabilidade é que, entre outras tarefas, eu era o elo de ligação com a ação do partido no meio militar. Era um super segredo. Eu agora estou revelando, porque isso depois ficou público. Isso era negado de pés juntos. Mesmo os comunistas nem sabiam que isso existia. Nunca teve maior expressão do ponto de vista estritamente partidário.

P. G. – O que é que significava exatamente isso?

B. T. – Era uma organização que era feita do recrutamento de militares.

P. F. – De oficiais?

B. T. – Principalmente de sargentos e oficiais. Principalmente sargento.

P. F. – Isso foi uma tarefa delegada direto do comitê central para o senhor?

B. T. – Foi. De altíssima confiança e responsabilidade. Aí foi que, quando Getúlio foi eleito, em 1950, 1951, havia uma divisão enorme nas classes militares, que acabaram voltando em 1964. Além de Juscelino, Jânio, toda aquela tremenda atividade... Os

## Transcrição

militares profundamente divididos entre militares nacionalistas e militares conservadores, que eram chamados de americanizantes e que colocavam o comunismo mundial e o brasileiro como o principal adversário. Mas, havia militares também, uns poucos tinham realmente uma ligação direta com o Partido Comunista, mas o grosso desses sargentos e oficiais era nacionalista e anti-americano. Mas como o Getúlio não merecia a confiança dos militares, ele autorizou o Exército a fazer uma devassa, um inquérito na área militar. A minha prisão foi muito mais pela minha ligação com os militares. Tinha um antigo cabo que denunciou essa organização, que era super secreta. Tinha um cabo do Exército que passou para o outro lado. É toda uma história complicada. Bom, mas voltando ao fio da coisa, em 19...

P. G. – O senhor estava preso em 1953.

B. T. – Em 1953...

P. F. – O senhor estava no Rio preso.

B. T. – Eu estava no Rio, mas aí eu já tinha sido solto. Depois de um ano de prisão. Ficamos aguardando o julgamento. Teve um julgamento pela justiça militar e todos fomos absolvidos, inclusive porque houve um reconhecimento de tortura. Já naquela época, já naquela época. Foi o primeiro treino que foi dado para o que resultou depois, a partir de 1964, mais para depois de 1964, não tanto no começo. Aí, depois que terminou o julgamento, eu resolvi voltar para a Bahia e cuidar da minha vida. E o que eu tinha a fazer era ir trabalhar com meu pai na lojinha dele. Foi aí que eu virei empresário. Aí...

P. F. – Essa decisão o senhor tomou em virtude de...?

B. T. – Em virtude, inclusive, porque o Partido Comunista também achava que aqueles que foram presos e assinaram confissões sob tortura tinham traído o Partido Comunista. Aliás, o Elio Gaspari escreveu muito sobre isso, que um viés dos comunistas, não só



## Transcrição

brasileiros, era que aqueles que tinham sido torturados em maior, ou menor grau e não se deixaram matar, eles eram traidores da causa. Era um negócio stalinista. Quem dirigia o partido aqui, que afastou Prestes, foi o Arruda Câmara, sujeito horrível, sinistro, com um bigodão igual ao do Stálin. Depois, inclusive foi por causa dele que houve essa cisão anos depois – eu já não tinha nada com isso – com aquele pessoal que resolveu que a luta armada era a solução, para afastar esse pessoal que entrou num processo de colaboração.

P. G. – Essa virada foi em 1954.

B. T. – 1954, exatamente. Eu fui preso em 1953, em outubro de 1953, nós fomos libertados. Eram 30 e tantos militares e um civil, que era eu. Mas tinha um major no meio, um tenente-coronel. De acordo com as regras militares, ele tinha que ser julgado por superiores hierárquicos dele. Tinha, então, que constituir a corte militar com os generais. Aí só tinha no Rio. Na Bahia não tinha, na Bahia mal tinha um general de brigada. Então, isso obedecia a essas regras e tal e, então, fomos transferidos para o Rio. Mas, eu resolvi, então, recomeçar a vida. Voltei para o curso de engenharia, para terminar o curso, mas já trabalhando.

P. F. – O senhor estava solteiro, não é?

B. T. – Não, tinha me casado naquele período, em 1950. Me casei muito novo, eu tinha 21 anos.

P. F. – Com uma militante do partido?

B. T. – Sim. Aí eu comecei um longo caminho em que eu tive sucesso. De pequeno empresário eu virei logo médio empresário. Eu não só desenvolvi o negócio do meu pai de móveis, mas quando começou a aparecer eletro-eletrônicos, os primeiros fogões a gás, – geladeira já existia -, eletrola... Vocês não sabem nem o que era isso. Era um toca-discos. Eu entrei também nisso...

## Transcrição

P. G. – Eletrola?

B. T. – Chamava eletrola.

P. G. – Uma espécie de vitrola elétrica?

B. T. – É. Veio daí, veio daí, exatamente. Era uma vitrola que era elétrica. Aí eu terminei o meu curso de engenharia e ainda no último ano de engenharia, eu já comecei a construir. Eu não tinha capital praticamente, organizei grupos de pessoas que tinham poupança. Não precisava ser grandes capitalistas. Eu juntava quatro, cinco pessoas que tinham um pouco de dinheiro, organizava uma incorporação, nós comprávamos um terreno e fazia a construção. Eu não colocava capital, mas eu é que organizava e fazia. Eu aí já me formei e construí vários prédios.

P. G. – Tudo em Salvador?

B. T. – Tudo em Salvador. O primeiro supermercado de Salvador fui eu que estruturei. Nós vendemos para o Paes Mendonça. No térreo de um prédio lá que a gente fez.

P. F. - É por isso que você conta que essa experiência por parte dos comunistas foi útil, porque o senhor articulava essas redes a partir um pouco desse dom...

B. T. – É, e fazia... Uma coisa que vocês não chegaram a conhecer, a correção monetária foi inventada em 1965, 1966.

P. G. – Parte do pacote das reformas financeiras.

B. T. – É, já no Roberto Campos. Começou com o Roberto Campos e o Bulhões. O que acontecia na época? O juro era barato, mas já havia inflação. A inflação era de 25%, 28%

## Transcrição

e começou a escalar ao ano. Eu percebi rapidamente o seguinte: vou formar o meu grupo, comprar o terreno e nós íamos vendendo até metade das unidades. Como não era suficiente para construir, pegava dinheiro em banco, dinheiro comercial, para 90, 120 dias e o juro era muito menor, porque não tinha correção monetária, do que a inflação. Foi aí que eu me capitalizei.

P. G. – É, então já era um economista nato!

B. T. – Eu segurava metade aproximadamente das unidades para vender com apartamento pronto. Realmente daquela situação minha de revolucionário eu me enturmei, inclusive, com gente de banco, do antigo Banco da Bahia, que tinha vários amigos meus, que era do Clemente Mariani na época. Eu estava, então, navegando em águas bem mais prósperas. Construí uma belíssima casa. Estava indo muito bem. Se vocês quiserem mais detalhes sobre essa parte, depois eu...

P. G. - E o envolvimento com a vida política já da Bahia daí?

B. T. – Nenhum. Nesse período, veja...

P. F. – O senhor abandonou o mundo político. Não queria nem saber.

B. T. – Totalmente.

P. F. – Ninguém procurava o senhor dos antigos...?

B. T. – Eu só fui procurado já em São Paulo, quando o Partidão virou PPS.

P. F. – Ah, então, agora.

## Transcrição

B. T. – Agora. Eu acho que eu estava no Banco Safra na época. Ou já estava aqui? Não sei. Um deles me procurou: “Não, o partido foi muito injusto com você. Nós gostaríamos...” O que ele queria era dinheiro para a militância. Ele queria doação, queria ajuda financeira. Eu o tratei muito bem, mas... Agora, veja como é o destino: eu não tinha absolutamente nada com política, embora sempre me interessasse e acompanhasse, mas...

P. F. – Isso é final dos anos 50, início dos anos 60?

B. T. – Essa história é de 1954 a 1964.

P. F. – Então, bem no período quente do ponto de vista da política.

B. T. – Sim, mas eu nada...

P. F. – O senhor estava fora.

B. T. - Nós construímos um pequeno grupo de amigos - veja como essa passagem é absolutamente incompreensível também, de certo modo, nessa historinha que eu estou contando. Nós éramos um grupo de quatro, ou cinco casais, que tínhamos um convívio muito intenso de casais jovens. Cada um tinha sua atividade, sua profissão e um dos participantes desse pequeno grupo, em 1962, se chamava Alaor Coutinho. Era médico e professor, uma figura humana extraordinária, que morreu cedo. Alaor Coutinho. Nós nos freqüentávamos e eu comecei a perceber que o Alaor Coutinho estava, que não era dos hábitos dele, escrevendo coisas, lendo e eu disse: “Que diabos você está fazendo?” Ele disse: “Eu tenho um parente, que é candidato a governador da Bahia. É um dentista do interior da Bahia, que foi prefeito, chamado Lomanto Júnior.” Lomanto Júnior era um político que veio da base, fez política em Jequié e era municipalista, tinha umas teses meio... Esse tal de municipalismo, que eu acabei também apoiando e ajudando a escrever coisas e tal. Mas ele tinha muita base no interior. E o Juraci Magalhães estava sem

## Transcrição

candidato. Na parte de política da Bahia havia o juracisismo, do qual o Antonio Carlos era participante na época. Depois ele virou e... Até hoje, esse jovem, que eu chamava de garoto, esse deputado que foi líder do PSDB na Câmara dos Deputados, que é o Jutahy Júnior, é neto do Juraci Magalhães. O Antonio Carlos Magalhães é Magalhães, mas ele não tem nada a ver. É [inaudível], como dizem os americanos. Eles não são parentes, são Magalhães, mas não são... Bem, então, o Alaor me disse que estava ajudando a campanha do Lomanto Júnior, escrevendo coisas. O Lomanto era um homem do interior, tinha pouco conhecimento na Bahia, o Alaor era amigo dele, parente lá. Aí o Alaor disse: “Você não quer dar uma mãozinha?” Aí eu vou dizer a vocês algo, já que aqui é uma confissão gravada: os comunistas estavam apoiando o adversário do Lomanto Júnior, que era o Waldir Pires, que estava aí até há pouco tempo. Então, Waldir era candidato do antigo...

P. F. – PTB.

B. T. – Não, o PTB apoiava Lomanto. Lomanto entrou para o PTB. Era do antigo PSD, Partido Social-Democrata, que eram os mais conservadores da Bahia, que tinha Antônio Balbino, toda aquela turma tradicional da política baiana. Então, eu não nego que... Ele era meio esquerda e os comunistas estavam apoiando o Waldir. Eu não nego que eu disse: “Vou ajudar a dar uma surrazinha.” Olha, a vida foi de tal forma e aí eu digo: por certa experiência política, por uma série de fatores eu acabei – eu não vou dizer que eu articulei a campanha do Lomanto Júnior, porque a parte política propriamente dita, ele fazia, porque era prefeito, aquela coisa -, mas toda a parte, digamos, intelectual, se é que existia isso... Naquela época não tinha pesquisa, não tinha marqueteiro, não tinha nada, principalmente na Bahia.

P. G. – Estratégia de marketing.

B. T. - Eu fiz toda parte, digamos, intelectual da campanha do Lomanto. Fui me entusiasmando, escrevi discurso, plataforma, inventei um slogan horrível.

## Transcrição

P. G. – Qual era o slogan?

B. T. – Era “Lomanto Júnior tem cheiro de povo, Waldir Pires tem cheiro de perfume francês”.

[risos]

B. T. – O Waldir era todo engomadinho, todo arrumado, muito bem cuidado.

P. G. – Não tinha contato com...

B. T. – Não, era o jeitão dele, o jeito dele. É o temperamento dele, a educação dele. Ele era uma pessoa que se apresentava de modo diferenciado. Nos ademanos dele, no cabelo, na roupa. E o Lomanto era... Resultado: o Lomanto ganhou a eleição.

P. F. – Isso foi em 1962?

B. T. – Em 1963. Foi a última eleição direta antes da revolução, ou seja, da ditadura militar. A revolução foi em março de 1964. Essa eleição foi em abril, se não me engano, de 1963. No primeiro ano do governo do Lomanto, eu fiquei como uma espécie de assessor do Lomanto. Eu não deixei minha atividade, não queria deixar minha atividade. Eu tinha até uma sala perto da sala do Lomanto lá no Palácio. Mais para o fim da tarde eu ia lá, dava lá uns palpites, escrevia coisas para o Lomanto. Isso foi no primeiro ano. E o governo do Lomanto foi constituído, pelo que hoje se chamaria a base dele. A base era um saco de gatos. Ele era PTB, mas ele organizou, para ter maioria na Assembléia, ele fez o que se faz hoje. Aquele jeito: secretaria, ele dividia tudo, secretarias, estatais...

P. G. – Aqueles amigos acabaram ocupando o governo também?

## Transcrição

B. T. – Entraram, entraram depois. Eles eram uma espécie de assessores, amigos e tal. Eu como tinha mostrado mais cancha política, eu fiquei mais próximo do Lomanto. E o primeiro ano de governo dele foi muito difícil. A minha ação – é uma coisa pitoresca -, uma das minhas atividades era escrever discursos para o Lomanto. No fim desse primeiro ano de governo dele, ele foi convidado para paraninfo de umas 15 turmas de formandos de veterinários, professores, bacharéis e tal. E eu... Era discurso: “É função do veterinário...”

[risos]

B. T. – E dava palpites também. Mas o caldeirão estava fervendo. Eu não vou fazer crítica histórica, mas o Jango se entregou nas mãos dos adversários. Existiam facções militares, que eram chamadas de nacionalistas. E o Jango superestimou o apoio que ele tinha no meio militar e no meio político. Ele cometeu erros gravíssimos. O Jango estava certo de que já estava se formando uma oposição política. Por exemplo, em Minas Gerais, o Magalhães Pinto, vários políticos importantes na época que eram basicamente anti-comunistas, essa era a bandeira.

P. F. – Lacerda.

B. T. – Ah, sim, o Lacerda, que depois também foi vítima de tudo isso, porque chutaram ele, mas já no regime militar. E uma mobilização militar. Então, foi se radicalizando. E o Jango achava que ele tinha condições de resistir e dar a volta por cima e derrotar essa gente que queria derrubar ele. E o Jango adotou teses do tipo reformas. Você vê que esse negócio de reforma vai longe. As reformas de Jânio eram a reforma agrária, nacionalização de empresas estrangeiras, nacionalização de bancos, *à la* Argentina até há pouco tempo.

P. G. – *À la* Hugo Chávez.

## Transcrição

B. T. – *À la* Hugo Chavez. Mas, sem base. Ele a duras penas, inclusive, queria fazer uma Constituinte. Mas não conseguiu passar isso na Câmara. Aí ele apelou para fazer comício com sargento. Aí, novamente, entra a minha antiga... Quando eu vi o movimento do Jango, eu estava ali ao lado do Lomanto...

P. F. – Que é do mesmo partido do Jango.

B. T. – Certo. Era PTB. Ele apoiava o Jango e o Lomanto, como todos os governadores... Até hoje é assim: naquela época o governo da Bahia tinha que apoiar o presidente, nem que fosse o demônio. Não tinha nada, não é? Isso hoje ainda é assim. Imagina naquela época. E o Lomanto acabou comprando essas idéias, de Constituinte...

### [FINAL DA PARTE 1]

B. T. – Eles já estavam se vinculando a esses militares, embora de modo bastante discreto. E eu fazia um pouco de meio de campo entre Lomanto e eles e tal. Mas quando eu vi que o Jango começou a fazer comícios...<sup>2</sup> Teve um momento marcante, que foi o comício da Central do Brasil. Jango juntou milhares de sargentos e carregaram lá um Almirante nas costas, tinha cabo fuzileiro naval. Eu não tinha dúvida de que ele não escapava dessa, porque eu conhecia a cabeça dos milicos. O militar pode aceitar tudo, mas hierarquia é... Ele é treinado para isso. Eu digo: “Ele está perdido. Está perdido.” Aí comecei a segurar um pouco o Lomanto para ele parar um pouco. Mas no dia 31 de março houve já o movimento. Não foi uma vitória instantânea. Sobre isso já tem muita coisa escrita. O que virou o jogo foi quando aquele general Krueel, aqui de São Paulo, resolveu apoiar, e o general Castello Branco, que era o chefe do Estado-Maior do Exército, já estava com os rebelados. Mas na Bahia não tinha notícia. Não tinha telefone.

---

<sup>2</sup> Esse trecho do depoimento não foi registrado em vídeo. O áudio completo da entrevista se encontra disponibilizado no CPDOC.



## Transcrição

Você tinha que ficar pedindo... E o Lomanto estava escorado. Não davam informações para ele, não confiavam nele.

P. F. – E os militares locais?

B. T. – Os militares locais estavam completamente por fora. Na noite de 31 de março, lá para onze horas da noite, chegaram os três comandantes militares, o da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, para fazer uma reunião com o Lomanto. O mais que conseguiram foi publicar uma nota: “A ordem será mantida” e uma série de coisas de quem está completamente fora. Mas aí houve episódios em que eu não vou me prolongar mais ainda. Mas aí o Lomanto, muito sem conhecimentos de como funciona uma cabeça militar, coisa que eu conheci, aparece no Palácio da Aclamação o governador de Sergipe, um baixinho. Esqueci o nome dele agora. Quando eu cheguei ao palácio, o Lomanto lá e eu perguntei: “O que é o governador está...?”, “Ele está com o fulano aí, o governador de Sergipe.” O governador de Sergipe era escrachadamente janguista. Aí eu pedi licença e pedi para o Lomanto dar uma saidinha para a sala ao lado e disse, porque eu tinha muita intimidade: “O que ele quer?”, “Não, ele está querendo que a gente faça aqui uma resistência no Nordeste, porque o Arraes vai se rebelar, o Arraes vai resistir. Os outros governadores do Nordeste vão resistir, o Leonel Brizola vai resistir lá no Rio Grande do Sul e nós vamos segurar.” Eu disse: “Olha, Lomanto, você está cometendo um erro gravíssimo. Eu vou lhe dar um conselho: mande prender aí o governador baixinho, porque só você é que não está sabendo.” Eu já tinha ouvido notícia no rádio de que nessa altura Jango já tinha fugido primeiro para Brasília e depois para Porto Alegre. Qual é o nome desse baixinho governador? Esqueci o nome dele. Aí o Lomanto se assustou e mandou ele embora. Esse negócio de mandar prender era força de expressão. E não teve resistência, nem coisa nenhuma. Aí o Lomanto ficou em xeque. Aí começaram a discutir se ele seria cassado ou não. Tinha duas características para o sujeito ser cassado: comunista, subversivo e corrupto. Eram essas duas expressões. Na Bahia até se falava *corrute*. Um era *corrute*, um era... [risos] E ficou naquela dúvida, mas o Lomanto acabou sendo mantido. Aí é que entra, como é que eu fui parar no governo. O Lomanto foi

## Transcrição

mantido com uma condição: mudar todos os secretários de todos os partidos e fazer o que hoje se chamaria de governo profissional, ele chamou de governo técnico. O Lomanto não conhecia ninguém. Que governo técnico? Aí ele pegou a nós. O Alaor Coutinho foi secretário da educação e eu fui chefe da Casa Civil. Tinha um jurista muito famoso, muito sério na Bahia, Calmon de Passos, que foi secretário da Fazenda. Organizou ali um governo, uma vida nova e tal. Pouco tempo depois, o secretário da Fazenda, que era esse procurador geral da Justiça tentou reformular a Secretaria da Fazenda e caiu, pediu demissão. Aí o Lomanto me chamou e disse: “Você vai ser secretário da Fazenda.”, “Eu? Está bom.” Minha mulher chorava... “Está louco. Aquilo é um ninho de cobra.” Nisso eu fiquei quase sete anos. Entrou um novo governador depois, o Luis Viana Filho. Mas isso é uma nova história.

P. G. – Mas ali você abandonou a sua vida profissional, nos negócios?

B. T. – Eu coloquei o meu cunhado, que era engenheiro, para olhar lá a parte de construção. Mas ela foi desmilingüindo. Não tinha como conciliar. Eu ainda dava uns palpites...

P. G. - Mas o senhor já estava numa situação financeira mais tranqüila?

B. T. – Ah, estava. Eu não precisava de...

P. F. - Não sei, talvez esse seja um bom momento para a gente fazer uma...

P. G. - Uma parada.

B. T. - Se quiser. Eu acho que já falei demais.

P. F. – Não, está ótimo. A gente pode começar uma segunda entrevista a partir desse momento em que o senhor vai para o governo, porque é uma nova etapa...

B. T. – Aí eu fiquei quase sete anos no governo e o trailer da próxima é como foi que eu saí da Bahia e fui um dos primeiros executivos profissionais do Brasil. Eu vim para São Paulo e assumi a gestão do Banco Safra, que estava começando na época. Como foi que isso aconteceu? Mas isso aí fica como trailer para o próximo capítulo.

**[FINAL DO DEPOIMENTO]**